

## ILAÇÕES SOBRE A CRIATIVIDADE LATINA E LADINA DO “JEITO”

CARLOS TRIGUEIRO

### 1. DAS ORIGENS CRIATIVAS DO “JEITO”

Ao coordenar idéias para este artigo, resgatamos antiga anedota sobre as origens da língua portuguesa: “Desertores dos exércitos castelhanos havendo alcançado o extremo oeste da península ibérica, e percebendo estarem encurralados entre o oceano desconhecido e a ferocidade das tropas feudais no seu encalce, combinaram falar entre si num castelhano modificado, pressupondo que seus perseguidores os tomariam por habitantes do lugar.

O estratagema logrou êxito, porém a demora das tropas perseguidoras na região, aproveitando o clima ensolarado e a excelência dos vinhos locais, obrigou os fugitivos a continuar falando do tal modo combinado previamente. Só que os astutos desertores não perceberam que com o passar do tempo haviam se habituado a falar do novo “Jeito”, esquecendo o castelhano.” Não obstante a farsa anedótica, tudo leva a crer que o “Jeito”, concebido como expediente sagaz e astucioso, precedeu o idioma português. Hipótese nada inverossímil, ao menos em termos de criatividade ao gosto latino. A verdade histórica sobre as origens da “última flor do Lácio” é bem outra, mas o tom jocoso da farsa exprime o poder criativo, latino e ladino do “Jeito”.

### 2. DOS SIGNIFICADOS SEMÂNTICOS DO “JEITO”

Até pouco tempo, a ferramenta de pesquisa eletrônica *Google* registrava 12.600.000 referências para o verbete e significante “Jeito”, cujo étimo é o vocábulo latino *jactu*,

com extensa gama de significados, tais como: lançar, arremessar, mover, perseguir, dizer, proferir, abalar, atacar, mostrar-se, gabar-se, empavonar-se, e outros. No sentido contemporâneo, “Jeito” significa modo, maneira, aspecto, feitio, feição, caráter, índole, disposição do espírito, propensão, pendor, habilidade, capacidade, arte, estando ainda presente numa infindável lista de acepções ao formar expressões junto a adjetivos, pronomes, preposições, verbos e advérbios. Por exemplo: ao jeito de, com jeito, sem jeito, dar um jeito, fazer jeito, levar jeito para, desculpar o mau jeito, ser de jeito, não ter jeito, jeito para isso, jeito para aquilo. Tão extensa e maleável é a utilização do “Jeito” nas mais diversas situações coloquiais, que seria praticamente impossível suprimir o peculiar vocábulo do dia-a-dia falado no Brasil.

### 3. DOS SIGNIFICADOS CULTURAIS DO “JEITO” NO BRASIL

Historiadores, filólogos, antropólogos, economistas, sociólogos, teólogos, escritores e outros estudiosos do comportamento social e ético têm abordado as várias conotações implícitas nos significados do significante “Jeito”. Mesmo sem consenso metodológico, há um entendimento de que, no cotidiano dos cidadãos brasileiros, os significados do “Jeito” vão além da semântica. Assim, o “Jeito” constituiria fenômeno cultural, implicando uma índole oculta, latente e dissimulada no caráter do povo brasileiro. Essa índole teria conotações positivas e negativas, e tanto poderia desencadear uma força propulsora quanto, em oposição, uma ação inibidora no comportamento psicossocial. Nessa hipotética moldura cultural, o “Jeito” seria um modo hábil, especial, e criativo de resolver uma situação difícil, proibida ou não, nos diversos contextos da vida em sociedade, não importando se de cunho administrativo, político, econômico, fiscal, policial, ou de qualquer natureza, inclusive aquelas enquadradas como corrupção, economia informal, desobediência civil, dentre outros ilícitos.

### 4. DAS OPINIÕES DE ESTUDIOSOS SOBRE O “JEITO”

Opiniões consubstanciadas sobre o “Jeito” no comportamento psicossocial brasileiro aparecem mais amiúde na segunda metade do século XX. A publicação mais recente, específica e condensada sobre o tema estuda as multifaces do fenômeno “Jeito” (Stélio Rega 2000). Pode ser visto como solução criativa para resolver uma emergência, seja burlando regras ou normas pré-estabelecidas, ou sob forma de conciliação, esperteza, ou habilidade (Barbosa 1992). João Camilo de Oliveira Tôres refere-se ao “Jeito” como fenômeno cultural positivo e característico da vivacidade e flexibilidade do brasileiro (Torres de Oliveira 1973). Roberto Da Matta mostra o “Jeito” como uma das características da cultura brasileira, e como um modo de navegação social, de sobrevivência diante de situações sociais e legais (Da Matta 1974). Finalmente, Bernardino Leers diz: “o jeito é a práxis do povo” (Leers 1982).

## 5. DAS ORIGENS CULTURAIS DO “JEITO” NO BRASIL

Juntando as condições sociais do colonizador que se aventurava além-mar – sem vínculos, sem família, sem planejamento, sem padrões – ao extraordinário processo de miscigenação que ocorreu na terra descoberta, entre brancos, índios e negros – contemporâneos não-coetâneos, desde tupis antropófagos a criminosos degredados, de nobres feudais a escravos africanos –, cujas etnias entrelaçaram costumes díspares, e levando em conta dificuldades logísticas para ocupar um território continental sem vias de comunicação, administrado segundo a tradição ibérica centralizadora e despótica, teremos uma amostra de fatores decisivos na formação de uma cultura com enorme plasticidade. E assim, propícia a desenvolver comportamentos sociais, limpos ou não, capazes de enfrentar situações adversas, contornar imprevistos, e vencer desafios.

### 5.1 *O caldo de cultura do “Jeito”*

Num cenário em que Portugal tentava sair do atraso medieval, estruturar-se como Estado moderno, e atenuar os poderes da Igreja, tínhamos no Brasil: portos fechados ao comércio internacional; proibição de qualquer indústria que fugisse aos interesses da metrópole; governo exercido pelos Capitães-Generais nas províncias, e Capitães-Mores nas vilas, com poderes arbitrários de polícia e, não raro, cumulativamente, com os de justiça; cargos públicos direcionados para interesses privados de protegidos da corte; corrupção generalizada; analfabetismo esmagador; burocracia e justiça morosas; e o eixo da estrutura produtiva movido a mão-de-obra escrava. Nesse perverso caldo de cultura, formaram-se os grupos sociais brasileiros por três séculos.

### 5.2 *A herança luso-ibérica como desculpa do “Jeito” brasileiro*

Face ao pretexto acadêmico de que os fracassos civilizatórios do Brasil republicano provêm da herança luso-ibérica, argumentamos que o foco da colonização visava um empreendimento comercial – de segunda classe, pois o Oriente dominava o imaginário português – e não aspectos sociais, apesar do esforço catequisador da Igreja. Tal enfoque contribuiu para a formação de uma cultura eivada de peculiaridades positivas e negativas nos diversos estratos sociais da colônia. A essa cultura foram agregados, dentre outros: valores e favores sociais trazidos pela transferência da corte e família real para o Brasil, em 1808; características sociais oriundas da esdrúxula situação que transformou a despreparada colônia em capital do império português; novas feições políticas, econômicas e administrativas com a proclamação da Independência em 1822; corretivos a muitos dos costumes e valores precedentes, a partir de 1835, quando o brasileiro Diogo Antonio Feijó assumiu a Regência em virtude da menoridade do imperador D. Pedro II. Naquela época o Brasil tinha quatro milhões de habitantes, sendo metade de índios e escravos.

## 6. ILAÇÕES SOBRE O “JEITO” CRIATIVO DOS BRASILEIROS

Impossível negar a criatividade dos brasileiros diante dos mais variados desafios, o que nos estimula a abrir leque de conjecturas além do conceito consensual do “Jeito”.

### 6.1 *A criatividade no ar*

Provavelmente, o primeiro vôo pilotado e documentado de um objeto mais pesado que o ar foi o da aeronave inventada por Alberto Santos Dumont, batizada por ele de “14 bis”, com motor de 50 CV, e que decolou do Campo de Bagatelle, no dia 23 de outubro de 1906, em Paris. Cem anos depois, em 2006, especialistas internacionais em aviação reconhecem os feitos da empresa brasileira “Embraer”, sediada em São José dos Campos (SP), portanto fora do circuito dos países mais industrializados, que desenvolvendo tecnologia avançada na fabricação de jatos executivos, e aeronaves de porte médio – com capacidade de transporte de até 120 passageiros –, tornou-se um dos maiores fabricantes de jatos comerciais.

### 6.2 *A criatividade no mar*

Após o primeiro choque do petróleo, em 1973, quando países exportadores do Oriente Médio aumentaram o preço do produto, atentando que era um bem não-renovável, países importadores viram-se na contingência de reduzir o consumo de combustíveis fósseis, explorar fontes alternativas de energia, ou buscar petróleo nos oceanos. Tendo em vista as reservas brasileiras desses combustíveis se encontrarem em águas profundas e ultraprofundas, especialistas da empresa estatal “Petrobrás” desenvolveram e, hoje, lideram tecnologias de exploração e produção de petróleo em águas profundas.

### 6.3 *A criatividade em terra*

Técnicos brasileiros desenvolveram tecnologias para utilização do álcool etílico – etanol – como combustível em substituição à gasolina utilizada por veículos automotores. O vegetal escolhido para a produção de álcool foi a cana-de-açúcar, graças à sua adaptação ao clima do país e também pelas suas grandes extensões de terra. Essa tecnologia propiciou duas formas de uso do biocombustível: adicionado à gasolina para reduzir o consumo de petróleo, ou utilizando-o em quantidade suficiente para abastecer veículos movidos a álcool hidratado. O domínio dessa tecnologia mudou o perfil do mercado, e as fábricas passaram também a produzir veículos “bicombustíveis”, aptos a receber tanto álcool quanto gasolina.

### 6.4 *A criatividade nas artes e no futebol*

Melodias, ritmos e arranjos principalmente do carnaval, samba e da bossa nova cruzam ares e oceanos levando a outros quadrantes a magia da música popular brasileira. Por outro lado, o gênio criativo de Heitor Villa-Lobos levou à música clássica a sonoridade cultural e ambiental do país.

No panorama esportivo, são reconhecidas a paixão e aptidão dos brasileiros pelo futebol. E é expressivo o número de jogadores brasileiros atuando nos principais centros futebolísticos mundiais. Embora invenção inglesa, o Brasil pode ser considerado a pátria espiritual do futebol, não só pela habilidade e criatividade dos seus jogadores, mas também pelos títulos e troféus conquistados por clubes brasileiros e seleções representando o país em competições internacionais. Mas toda a paixão nacional pelo futebol e seu prestígio internacional não impediram que a Taça Jules Rimet, ganha pela seleção brasileira de futebol, em 1970, pela conquista do tricampeonato mundial da FIFA – Fédération Internationale de Football Association – fosse roubada, em 1983, da sala de troféus da Confederação Brasileira de Futebol, no Rio de Janeiro, e tivesse seu conteúdo em ouro – 1,8 kg – derretido em barras para venda no mercado de receptadores – exemplo de “Jeito” criminoso indiferente ao orgulho nacional –.

### 6.5 *A criatividade nas questões econômicas*

Quando altas taxas inflacionárias flagelavam a estrutura econômica do Brasil, dois artifícios marcaram a vida da população: trocas periódicas da moeda corrente por uma nova, com cortes de vários dígitos na precedente, e a indexação dos valores econômicos com índices de correção monetária. Embora não tenham sido criados por brasileiros, mas graças à plasticidade da sua cultura, tais mecanismos funcionaram com facilidade no país.

Já drástico foi o estratagema decretado, em 1990, pelo presidente Fernando Collor, confiscando os saldos acima de cinquenta cruzeiros – padrão monetário de então –, depositados nas contas correntes e de poupança de todos os cidadãos. O arbítrio, ímpar na moderna história econômica, visava “debelar a inflação num só golpe”. Mas o “Jeito” do presidente não deu o resultado esperado. Em 1992, Fernando Collor foi destituído por processo de *Impeachment*.

Outro mecanismo criativo com “Jeito” de tributo mas, para muitos, um confisco dissimulado, foi criado, em 1993, pelo governo federal na forma de imposto provisório sobre movimentações financeiras de empresas e indivíduos, envolvendo cheques e transferências, incidindo em 0,38% no valor das transações. Com vigência prevista para quatro anos, e arrecadação para financiar a saúde pública, a previdência e combater a pobreza, permanece em vigor, ainda que sob o eufemismo de Contribuição Provisória sobre Movimentações Financeiras. Quase invisível, o artifício rende aos cofres públicos algo como US\$16 bilhões anuais.

### 6.6 *A criatividade na política*

Entendendo a Presidência da República como vértice dos cargos públicos, seus ocupantes ao término do mandato passariam à História. Em alguns países de base democrática consolidada, ex-presidentes são contemplados com a prerrogativa da vitaliciedade senatorial, como alta honraria. No Brasil, ex-presidentes têm retornado – ou

tentam retornar – por sufrágio universal, a cargos públicos hierarquicamente inferiores, no senado, governo estadual, prefeitura municipal e, por nomeação, a cargos em embaixadas no exterior. Em não havendo outros interesses que se sobreponham aos do país, esse enigmático comportamento talvez se explique pelo inconsciente coletivo do brasileiro, pois já na carta de Pero Vaz Caminha ao rei Dom Manuel I – de 01 de maio de 1500 – há registro de que os tupis desconheciam a hierarquia.

Outro exemplo instigante ocorreu nas eleições presidenciais em 2006. À vista de sucessivos escândalos de corrupção envolvendo ministros de estado, assessores do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, bem como representantes do partido do governo na administração federal e no congresso, com impacto na opinião pública e repercussão nas mídias, era esperado um repúdio à reeleição daquele titular. Apesar dos escândalos, o presidente Lula foi reeleito com 20 milhões de votos à frente do segundo candidato. Analisando a fenomenal votação, e mesmo admitindo o carisma pessoal do presidente, pesaram a seu favor medidas assistencialistas do governo federal às classes pobres da população. Dentre outras, o programa “Bolsa-Família” que consiste na distribuição mensal de cheques entre R\$15,00 a R\$120,00, através de cadastramento de milhões de famílias com renda per capita mensal inferior a R\$ 120,00, representando, estimativamente, 40 milhões de brasileiros. O compromisso dessas famílias para receber o benefício é manter seus filhos em idade escolar freqüentando a escola, e cumprir cuidados básicos de saúde. O Bolsa-Família guarda coerência com promessa repetida várias vezes pelo presidente, durante a campanha à reeleição, de garantir três refeições diárias a todos os brasileiros. Para entender a criatividade política permeando o drama social, nos reportamos a estudos recentes do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome que identificou 18 milhões de residências, onde habitam 72 milhões de brasileiros, quase 40% da população do país, em estado de insegurança alimentar, pois deixam de comer por absoluta falta de recursos. Possivelmente, o Bolsa-Família mensal não só alavancou a reeleição do presidente Lula, ao assimilar centenários currais eleitorais das oligarquias brasileiras que usavam métodos assistencialistas esporádicos – em épocas de eleições –, mas também o elevou à condição de “presidente mais popular da História do Brasil” (pesquisa Datafolha, publicada no jornal “Folha de São Paulo”, 17.12.2006). Num país com assimetrias sociais aterradoras, onde não se consegue acabar com a miséria, dá-se um “Jeito” de torná-la comprável, contra recibo. E voto.

## 7. O “JEITO” COMO SUBORNO: A “CERVEJINHA”

Desde que se convertam em situações de transgressão à ordem, norma, regra, lei, classificação, hierarquia, prudência, ou ao preceito, mérito, domínio, princípio, regulamento, sentido, padrão, modelo, cálculo, enfim, à coisa certa, conotações negativas do “Jeito” – e do seu diminutivo “Jeitinho” – podem se manifestar em qualquer

circunstância da vida cotidiana. Subornar o guarda rodoviário ou de trânsito com importância em dinheiro alcunhada de “cervejinha”, para fugir de multa, tornou-se ato corriqueiro, quase institucional, um “Jeito” com folclore, jargão e coreografia nacionais. Obviamente, a praticagem da “cervejinha” cobre mil e um tipos de pequenos subornos no dia-a-dia, seja apressar a retirada de documento em repartição pública, permitir a comercialização de produtos falsificados, ou o que for.

## 8. PROCESSOS DE METAMORFOSE DO “JEITO”

Neste tópico, levantamos hipótese de que o “Jeito” seria passível tanto de variações quanto de mutações no sistema social e, portanto, em diferentes graus de metamorfose (segundo a gravidade dos delitos que implique). Os elementos catalisadores dos processos de mudança estariam, principalmente, na incapacidade organizativa, abulia, leniência e corrupção do poder público.

### 8.1 *Variação do “Jeito”: A pirataria*

O Brasil é um dos maiores mercados consumidores de produtos copiados, falsificados, adulterados – vestuário, eletrônicos, medicamentos, perfumes, CDs, combustíveis e outros – numa esteira de delitos envolvendo contrabando, sonegação fiscal, burla às leis trabalhistas, comerciais e aos direitos de propriedade e autorais. As comunidades na periferia das grandes metrópoles, atraídas pelos preços baixos dos produtos, formam clientela preferencial. Nessas regiões, também é assustador o número de ligações clandestinas de redes de eletricidade e TV a cabo, chamadas de “gatos” e de “TV a gato”, respectivamente. Porém, em condomínios da classe média alta, não é difícil encontrar ligações clandestinas de água, por exemplo. Sobre o tema, em artigo de 13.03.2007, no jornal “O Globo”, do Rio de Janeiro, o sociólogo Carlos Alberto Rabaça diz: “Afinal, qual o papel do governo, das empresas e da sociedade nesse contexto de ilegalidade?”. E também sugere a criação de um quadro cultural que adote consensualmente a formalidade e o cumprimento das leis, dentre outras iniciativas de responsabilidade social.

### 8.2 *Mutação do “Jeito”: A violência*

Onde grassa a impunidade, o “Jeito” é suscetível de mutação, tornando-se irreconhecível, como nas manifestações de violência – contra a vida e o patrimônio – que devastam o Brasil atual. Porém, Estado e sociedade não decifram o que está acontecendo, nem estão capacitados para isso. De fato, o processo de reorganização política, a partir de 1985, com a redemocratização do país, subestimou o caráter indispensável dos mecanismos de segurança pública, até por revanchismo aos aparelhos de coerção e repressão da hegemonia militar que funcionavam – para o bem e para o mal – concentrados sob o poder federal, ao amparo de rígido normativo: a Lei de Segurança

Nacional. Após 22 anos de experiência democrática mal liderada, ferve o vulcão social. Politicilha, oportunismo e corrupção minam o aparelho burocrático do Estado, incapacitando-o de suprir necessidades básicas à população, como educação, saúde, transporte, segurança e justiça; de impedir o vil inchaço nas periferias urbanas, e por conseguinte degradando valores sociais, eliminando princípios de civismo, eclipsando a autoridade do poder público, e a supremacia moral do mérito democrático. Aproveitando-se desse eclipse, surge a constelação criminosa: partidos do crime organizado, tráfico de armas e drogas, contrabando de mercadorias, roubo de cargas, economia informal, transportes clandestinos, assaltos, seqüestros, milícias paramilitares, roubo e incêndio de veículos, invasão de terras, “ferros-velhos” receptadores, homicídios por motivos banais, balas perdidas, e muito mais, em grandeza escalar.

Seria injusto não reconhecer manifestações da população quanto ao caos na segurança pública. Existem. Em geral, lutuosas, clamando paz sobre a barbárie, e ação contra a impunidade. Também seria injusto com os contingentes policiais, civis e militares, estaduais e municipais, desmerecer seus esforços, inclusive com perdas numerosas de vidas. Tais forças são órfãs da vontade política federal, carecem de plano global do governo, de aparelhamento e logística à altura dos desafios, e agem sob a vigência de leis penais frouxas e extemporâneas.

Com uma justiça lenta e inoperante, o Brasil tem, aproximadamente, 400.000 presos em cadeias abarrotadas e impróprias; mais de meio milhão de foragidos que se valem de 550 mil mandados de prisão não cumpridos pelas polícias estaduais. Se cumpridos, não haveria celas para todos. Aliás, prestando informações sobre a população carcerária do Brasil, numa solenidade na Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, em 19.02.2007, a ministra Ellen Gracie, presidente do Conselho Nacional de Justiça e do Supremo Tribunal Federal (e que foi assaltada, em 07.12.2006, junto com sua comitiva, no Rio de Janeiro, por bandidos armados com fuzis, tomando-lhes o carro oficial e pertences), disse que 62 milhões de processos tramitam no país à espera de decisão da Justiça. Número absurdo: maior que as populações da Espanha, Portugal e Dinamarca somadas.

## CONCLUSÕES

Apesar da grande influência cultural luso-ibérica na mentalidade do povo brasileiro, seria imprudente atribuir ao passado colonial o rol de fracassos civilizatórios, mazelas e assimetrias sociais do país. Mesmo porque a criatividade brasileira deve muito ao mosaico cultural que se instalou na colônia. E sobretudo porque, após 184 anos de independência, e de 117 anos republicanos, a sociedade brasileira tende a comportar-se *motu proprio*, ignorando os poderes coercitivos do Estado, ou corrompendo-os, alheia aos preceitos democráticos. E não é excessivo admitir um ciclo vicioso nisso tudo, pois o fulcro da deformidade está no poder público ausente, incapaz, ou



omisso na formação do civismo e da cidadania. Daí essa índole individual contagiosa – à revelia do estrato social – inclinada a subterfúgios imediatos, propensa à anomia, a subverter o dístico “ORDEM E PROGRESSO” da bandeira nacional. Daí essa índole horizontal e vertical, passível de variações e mutações, e que embute um “Jeito” economicamente mais predador que construtivo, mais espoliativo que distributivo; administrativamente mais burocrático que empreendedor; politicamente mais perto do conchavo que do confronto; judicialmente mais prolixo e moroso que justo; sociologicamente mais anárquico que disciplinado; moralmente mais fraudador que honesto; de costumes mais permissivos que castos; historicamente emasculado de consciência crítica sobre o passado, indiferente aos desafios do presente, e incapaz de projetar o futuro.

#### REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOSA, L. (1992) *O jeitinho brasileiro – A arte de ser mais igual que os outros*. Rio de Janeiro: Ed. Campus.
- DA MATTA, R. (1974) *O que faz o brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Salamandra.
- LEERS, B. (1982) *Jeito Brasileiro e Norma Absoluta*. Petrópolis, Ed. Vozes.
- STÉLIO REGA, L. (2000) *Dando um jeito no jeitinho: Como ser ético sem deixar de ser brasileiro*. São Paulo: Ed. Mundo Cristão.
- TORRES DE OLIVEIRA, J.C. (1973) *Interpretação da realidade brasileira*. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio.